

recorda a coexistência do orgânico e do inorgânico, do homogéneo e do heterogéneo no contexto da microfísica, tal como o concebe Lupasco, coexistência animada por um antagonismo criador e destruidor, ao mesmo tempo, e presente em todos os aspectos da vida. Inclusive na moral e na teologia, em que o bem e o mal (Goethe tinha-o visto bastante bem) constituem um dos aspectos do mesmo problema, e que, transposta para o profano, pode denominar-se onda e corpúsculo, claro e escuro, orgânico e inorgânico, físico e psíquico, etc. Não haveria, pois, dentro desta permanente ofensiva do bem contra o mal, e vice-versa, ou do corpuscular e ondulatório, não haveria também a possibilidade de pensar num universo e num antiuniverso, numa matéria e numa antimatéria (?). Paul Dirac tinha descoberto esta possibilidade da antimatéria quando demonstrou que não só a matéria produz energia, como esta, por sua vez e em determinadas circunstâncias, pode produzir matéria. Deste modo, o universo do átomo complicava-se inesperadamente, e o Universo afastava-se de repente da sua simplicidade clássica. Segundo Lupasco, a existência de um anti-universo contemporâneo do nosso é uma conclusão lógica das perspectivas actuais, e um fim violento do Mundo entra na possibilidade de um choque entre o Universo e o Antiuniverso. Deste pouco sabemos, mas que sabíamos do inconsciente até Freud, da sua contemporaneidade e coexistência com o consciente e dos conflitos terríveis que provêm do choque entre essas duas matérias antagónicas que habitam o nosso espaço interior? Daí a minha pergunta a Lupasco:

«Qual é a sua posição perante a psicologia actual? Ou seja, como situa o tema do psiquismo dentro do contexto da sua teoria ou princípio da causalidade antagónica?»

Antes de mais, queria prestar homenagem a Jung, o primeiro a sentir a necessidade de penetrar mais além das manifestações psíquicas da consciência e do inconsciente individual, com o fim de atingir forças mais profundas e características do humano. Isto é, chegar às forças cósmicas que se movem dentro de nós. Jung viu muito bem como o psíquico é o âmbito por excelência das tensões, das ambivalências, das tendências contraditórias. A alma é um conflito de tendências. E nisto estou de acordo com Jung. Devo reconhecer, aliás, que tanto Freud como Jung trataram bastante bem, por um lado, a existência de um conflito da alma, e, por outro, a dualidade consciente-inconsciente, mas, daí em diante, a minha posição é inversa da deles. Porque ambos consideram o conflito interior como nocivo, como fonte da patologia mental. Eu penso, pelo contrário, que um doente mental sofre de um *deficit* conflitual, um enfraquecimento do equilíbrio contraditório interior que constitui o seu estado normal. Colo-

cado neste estado de deficiência, o doente fica impossibilitado de suportar a contradição ou a agressão do mundo exterior. De outro ponto de vista, tanto Freud como Jung consideram o inconsciente como sede dos instintos, dos impulsos reprimidos pelas pressões exteriores de toda a espécie e o consciente, desde o neurótico ao psicopata, como local ou centro de satisfações simbólicas e sublimadas. Nisto não estou de acordo nem com um nem com outro. Freud e Jung, que pertenciam à ciência do seu tempo, não possuíam um conhecimento muito esclarecido de noções como potencialização e actualização, e do seu mecanismo antagónico, ou seja, da potencialização que contém em si qualquer actualização de um dinamismo antagónico; uma vez que o jogo das potencializações e actualizações constitui o próprio conflito psíquico, como qualquer outro conflito intra ou extrabiológico. Encarado sob este aspecto — que é o de todo o fenómeno energético —, o inconsciente aparece-nos de repente como o local onde se produzem as actualizações, projectando, assim, potencializações contraditórias no consciente, lugar ou sede permanente de inumeráveis potencializações. Um esquizofrénico possui uma alma dividida em duas, o seu conflito, pelo que se transformou na actualização de uma homogeneização invadindo o seu inconsciente. Daí o seu *autismo*, o seu fechar-se ao mundo exterior, as suas ideias fixas, o seu orgulho exacerbado, etc., consequências de uma actualização homogeneizante do psiquismo e que o levam a ter alucinações, que procura e inventa, como para voltar a encontrar nelas o conflito contraditório, escapar-se ao peso do inconsciente e aproximar-se do consciente. A matéria que pertence à microfísica, a alma, é nestes casos invadida pelo inanimado ou pelo homogéneo característico da primeira matéria; ou então pelo biológico da segunda matéria. Dir-se-ia, nestes casos de anormalidade, que o sistema psíquico cedeu o seu lugar a um sistema biológico ou a um sistema físico inverso. Deste modo, a loucura ou as perturbações psíquicas surgem a uma luz completamente nova. Não posso desenvolver aqui estes pontos de vista — fá-lo-ei num livro a publicar próximamente —, que devem transformar a mentalidade e a prática da patologia mental e a respectiva terapêutica.

V. H. — Neste caso, não se aproxima bastante de Teilhard de Chardin? Também ele pensava numa cosmogonização do homem. Poderia dizer-me qual é a sua posição perante Teilhard?

S. L. — O que sei de Teilhard permite-me pensar que a sua base científica não se encontra ao nível da física e da biologia do século xx, mas mais do século xix. Teilhard conhece a microfísica de uma maneira muito superficial. Não pôde, pois, servir-se da contradição energética, sobre que se erguem e pululam os dados mais subtis